

PELE NEGRA, MÁSCARA EXECUTIVA: QUESTÕES ETNICORRACIAIS NO PERFIL DA SECRETÁRIA

Catiane Ferreira das Neves¹

Marília Pereira Almeida²

Viviane Santos dos Reis³

“Olhar da menina retorna a sua mãe no reconhecimento e recusa do tipo negroide; a criança negra afasta-se de si própria, de sua raça, em sua total identificação como a positividade da branca, que ao mesmo tempo cor e ausência de cor” (BHABHA 1998).

A proficiência em pelo menos duas línguas estrangeiras, a fluência comunicativa e o domínio de habilidades administrativas mínimas não são os requisitos exclusivos para a inserção da secretária negra no mercado de trabalho. Com a emergência de empresas de médio e grande porte, há um perfil estético que figura como norma e afeta diretamente este corpo negro em maior ou menor grau e tem sido cada vez mais determinante para que a secretária logre êxito. Este trabalho objetiva, desta forma, analisar como a secretária executiva negra veste a “máscara branca”, a fim de atender as exigências do mercado de trabalho, reafirmando as observações de FANON acerca do processo de escravidão mental do sujeito negro em face às pressões sociais.

Fanon, em *Pele negra, Máscaras brancas*, discute, a partir de uma perspectiva da psicologia psiquiátrica, que todo indivíduo como ser social, é integrado, enquadrado, aculturado. Porém por outro lado, os recursos que ele adquire aumentam o seu poder de intervenção no contexto em que já foi inserido.

¹ Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Bolsista do PET/ Comunidades Populares, sob orientação do Prof^o Dr. José Henrique de Freitas.

² Graduanda em Secretariado Executivo. Bolsista do PET/ Comunidades Populares, sob orientação do Prof^o Dr. José Henrique de Freitas.

³ Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Bolsista do PET/ Comunidades Populares, sob orientação do Prof^o Dr. José Henrique de Freitas.

Baseado nesse raciocínio se percebe como a secretária executiva negra acaba se enquadrando nos parâmetros do neo-embranquecimento da profissão. Até onde o “belo” está nas formas impostas por um padrão já pronto e legitimado pelas instituições, a fim de impor a esta profissional a “boa aparência” no mercado de trabalho?

Interessado no processo de descolonização mental, FANON discute como o europeu incutiu na cabeça dos negros o sentimento de inferioridade, destacando que o esteticamente correto foi sempre trazido como única referência do Velho Mundo e reproduzido nos países colonizados. “Usar roupas européias ou trapos da última moda, adotar coisas usadas pelos europeus, suas formas exteriores de civilidade, florear a linguagem nativa com expressões europeia, tudo calculado para obter um sentimento de igualdade com o europeu e seu modo de existência” (FANON, 2008).

Vê-se por meio desta abordagem, que todo processo de eugenia em suas diferentes fases só fortalece o caráter de embranquecimento da sociedade brasileira desde a abolição da escravatura. A democracia racial apoiada nas ideias de Gilberto Freyre gerou mais problemas uma vez que camuflou as tensões raciais, estas questões no Brasil, que criam a falsa ideia de que o modelo estético padrão é além de tudo algo natural, em vez de construído historicamente isso influenciou todos os setores profissionais. Nesse sentido, a secretaria negra adota um padrão estético a que é coagida a seguir desde a sua entrada no campo. O livro *Você secretária*, que é um manual da profissão, fala dessa origem:

“foi no comércio americano que recebeu o primeiro ataque da secretária feminina. Em 1877, a primeira desta nova raça, entrou timidamente num escritório de Nova York e orgulhosamente anunciou ser ela a nova secretária do chefe”. (BERTOCCO & LOYOLA, 1974)

Esse “ataque” do qual fala o autor, traz para o mercado de trabalho a mulher, para um cargo este que antes era ocupado só por homens. Ainda assim, esta mulher obedece a padrões etnocêntricos, impossibilitando que toda diferença etnicorracial e cultural manifeste-se.

O perfil eurocêntrico da secretária executiva é traçado e mantido, sobretudo nos livros que falam acerca da formação desta profissional e termina por dar ênfase à noção de boa aparência. Pode-se dizer que, com o passar dos tempos, esse perfil se tornaria um paradigma para todas profissionais desta área, uma vez que esses livros estabelecem critérios, destacando que a “aparência agradável” é fator determinante para uma boa secretaria. Através de códigos e símbolos específicos, essas instruções formais nada neutras excluem outras representações estéticas em especial da mulher negra. A grande

questão que se apresenta é que a mulher negra não participa de uma das principais atribuições de qualidades refinada imposta na profissão. Já que secretaria exemplar deve:

“ter uma aparência muito agradável. Veste com descrição e bom gosto. Tem sempre aparência jovial e bem arranjada. É amável com todos. Sua voz é gentil e revela uma refinada educação.” (BERTOCCO & LOYOLA, 1974).

A voz gentil, a refinada educação, e uma aparência agradável é postulada com base em um ser branco, como aponta Fanon: “ser branco é ter virtude e beleza, que jamais será negra”. Nesse contexto, por mais que a mulher negra tente se enquadrar nesses requisitos, ela jamais terá na sua consciência que ser uma mulher negra é ser agradável, é ser bela, por causa do complexo de inferioridade derivados dos estereótipos. Se as suas expressões que tem como característica um modo de falar, agir e se posicionar não está então nos parâmetros e leis do branqueamento é necessário reeducá-las como as estudantes do curso são desde cedo orientadas a falar baixo e a rir discretamente, a fim de se adequar ao padrão europeu. Fanon diz que falar é existir para o outro, é empregar condições do seu próprio vocabulário e possuir a sua própria gramática assim carregar toda uma ancestralidade e comunidade não fazendo diferenciação de cargo que ela ocupe.

Uma pesquisa realizada por PAIM & PEREIRA contou com a colaboração de 162 participantes do sexo feminino, estudantes do curso de Secretariado de duas instituições de nível superior da cidade do Salvador, Bahia. No seu artigo *Aparência física, estereótipos e discriminação racial*, eles analisam a percepção das estudantes de secretariado em relação à discriminação racial, ao estereótipo e sobre a boa aparência e como esse padrão as atingem.

Fica clara a percepção das estudantes de que a mulher negra encontra obstáculos em comparação a mulher branca e que a questão racial é fator determinante no momento de encontrar emprego. A percepção da discriminação, desigualdade e exclusão é muito maior entre as estudantes negras em comparação as brancas.

O que evidencia não somente no ramo profissional secretarial, mas também em todos os aspectos que as instituições legitimadas executam desde os comerciais de cosméticos até a cultura estereotipada nas telenovelas. Assim como fazer se a secretaria tem cabelo Black Power, ela alisa? Ou se seus trejeitos destoarem do modelo padrão do livro *Você, secretária*. A mulher negra, ao não possuir “naturalmente”

esta “boa aparência” exigida, tenta modificar-se para se encaixar no perfil de “beleza” que não pertence as suas identificações, entrando neste processo a estereotipia que se caracteriza pela várias formas de submeter um determinado grupo a um modelo prévio assemelhando-o a outros vistos socialmente como idênticos, sem a menor singularidade, o que torna desta forma, todos os negros e negras iguais.

Neste processo, se cria a falsa ideia de que o modelo estético tomado como padrão é, além de tudo, algo natural e não criado em todos os setores profissionais. Joel Zito Araujo em *A negação do Brasil* evidencia como esse caminho de embranquecimento leva o negro e o estereotipa nas telenovelas brasileiras:

“Toda sociedade tem seus mitos e tabus. No Brasil, a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial foram desejos e metas sociais construídos historicamente para apagar a herança africana, “a mancha negra da escravidão”, sendo responsável pela dificuldade de grande parcela dos afro-brasileiros em cultivar a sua autoestima.” (ARAÚJO, 2000, pag.25)

Joel Zito Araújo evidencia como o embranquecimento incorpora e engessa o corpo negro, nas telenovelas brasileiras. Como os personagens negro move-se nas tramas de algumas emissoras e soa na sociedade como uma verdade absoluta.(na novela corpo a corpo que Zeze motta faz uma personagem que sofre com o racismo, a autora considera que este período é uma ascensão do negro na telenovela porém permanece no mesmo vínculo de uma identidade de branqueamento em os subtextos deixam claro e alusivo que os traços e modelo de beleza é branco) para os negros se veem ou querem se ver daquela maneira: tem que ser ou esta de cabelos alisados, traços finos e jeito refinado ao contrário da aparência vista como bárbara rebelde e feia que é passada para os telespectadores dos personagens subalternos.! Essas telenovelas mostram apenas um único caminho para obtenção de sucesso profissional e caráter de um padrão específico e branco, aliás, o mais branco possível. Através da ideia do mulato trágico, da mammie e do malandro carioca esses personagens negros se estabeleceram no imaginário social e se multiplicam nas telas. Os estereótipos são o principal meio que o sujeito usa para identificar as pessoas ou um grupo. Nessa identificação há sempre uma dose de exagero a ser provado ideologicamente ou explicado na lógica.

“Estereótipo é uma estratégia principal do discurso. É o conhecimento e identificação do objeto que está sempre em seu lugar, já com suas características é algo que tem a necessidade de ser repetido.” (BHABHA, 1998).

Como o estereótipo apoia-se em traços corpóreos e superficiais, é fundamental que nos detenhamos nos principais alvos dessa citação redentora que termina por afetar as identidades forjadas nesse processo. O cabelo é a expressão máxima para a sua identidade, como meio de desmontar sua beleza, sua atitude, assim ao incorporar a sua estética se aculturando da cultura do outro e esquecendo-se de seu mundo lhe é dado perversamente à oportunidade de se mover em um mundo diferente do seu.

A imagem tradicional da secretária executiva negra põe em segundo plano, na maioria das vezes, sua identidade etnicorracial; uma vez que a mesma deixa de lado, ainda que inconscientemente, sua estética-política e adere, ou é obrigada a aderir a padrões já consolidado, pelas empresas, a fim de estar sempre “apresentável” na sua profissão. É através das concepções de beleza legitimadas sejam pela mídia ou pelas instituições, que se sustentam esses posicionamentos das universidades às empresas de hoje.

Assim, as várias formas de expressão da beleza da mulher negra em especial são apagadas pelo modelo eurocêntrico privilegiado. Desde o já conhecido ferro até as engrenagens mais sofisticadas como a chapinha insistentemente usadas nos salões e casas brasileiras são instrumentos que passam a ser utilizados regularmente para contrariar as texturas dos cabelos e possibilitar o enquadramento da profissional da área de secretariado à “aparência perfeita” que é constantemente interpelada a possuir.

Em *Alisando nossos cabelos*, Bell Hooks fala do processo de alisamento do cabelo como um meio de a mulher negra se aproximar da aparência de “beleza” da mulher branca. Segundo a autora, isso se dá devido a insegurança das mulheres negras diante da supremacia branca e do desejo de triunfar no mundo branco. A preocupação demasiada com o cabelo reflete conflitos com a auto-estima e uma visão do cabelo como um problema que precisa ser controlado. Ora se a cabelo ruim é por que há uma ideia de cabelo que é bom e esse bom não vem de um ser etnicamente negro. Hooks discute uma possível representação de beleza sem a imposição, sem deixar sua identidade, sem sofrimentos contínuos. Sem a necessidade de se frustrar ao não pertencer aquele grupo étnico e passar a não olhá-lo como melhor, mas como diferente sem privilegiar ou inferiorizar outrem. Portanto, ao passar pelos mecanismos criados por uma sociedade e naturalizar-mos como formas próprias do ser, entra em questão todo o processo de criação do sujeito que, ao se desajustar move-se para um ângulo que não é seu e torna-se sujeito sem equilíbrio, sem pertencimento, sem história. (HOOKS, 2005)

Tanto Hooks quanto Araújo nos transmitem que em todos os âmbitos os estereótipos nascem da irracionalidade de perpetuar tais pensamentos e modos como sendo verdades absolutas e que só faz ciclos de condutas naturalizadas.

O estereótipo produzido pela sociedade tem como objetivo a submissão de um grupo específico, manipulando e moldando este para que aja da maneira para a qual foi programado, ficando este limitado a mudar toda uma estrutura do seu ser, rejeitando suas raízes e negando possibilidades distintas de agir contrario aos mecanismos legitimados pelo dominador (FOUCAULT,1987). Essa forma de dominação se dá de diferentes modos. Uma importante ferramenta de alienação são as telenovelas tatuadas por referenciais do Velho Mundo, que marcam e disseminam uma nova roupagem para toda forma de discriminação no país.

No caso da secretária executiva, há hoje livros específicos voltados ao comportamento da secretária, que vão de moldes prontos de comportar-se em diversas situações a orientações de como melhorar sua aparência, por exemplo, a como se vestir adequadamente. Esses códigos afirma que há a necessidade de a secretária ser uma mulher otimista, bem equilibrada e agradável. No site da *Federação Nacional das Secretárias e Secretários*, existe um código de comportamento e etiqueta já estabelecido para a profissional. Código esse que se baseia na formalidade européia e não engloba as diversidades culturais, suprimindo todas as representações que destoam de uma orientação identitária eurocêntricas. *O Guarda-roupa básico segundo* Constanza Pascolato, encontrado no site, dentre outras coisas estabelece o que a profissional deve ter no guarda roupa:

“um vestido preto clássico que se ajuste ao corpo sem vulgaridade nem decotes da moda - deve ter uma aura de exclusividade apesar de, aparentemente, estar em todas as mulheres; top, isto é, a versão de luxo de uma camiseta sem manga, pode ser mais fashion, mais decotado e é peça curinga” (Jornal O Estado de São Paulo, 1999 in http://www.fenassec.com.br/c_artigo_comportamento_etiqueta_guarda_roupa_basico.html)

Além de tornar massacrante a quebra das estruturas físicas para atender a aparência “perfeita,” segundo Joel Zito, “a maioria dos afro-brasileiros está tão familiarizada com a ordem estabelecida pela produção simbólica das redes de TV, marcada por referencias eurocêntrica, como todos os outros segmentos étnicos do país” que não percebem tal manipulação. (Zito, 2000, pag.65)

Percebe-se que se instituiu historicamente tudo que se atribuía ao negro como sinônimo de sujo, feio e a maldade. Então, é feita através do começo do século XX com o apoio da ciência, a disseminação dessas ideias que com o passar dos anos torna-se mais forte. A migração que ocorre no Brasil neste mesmo momento do século abriga estrangeiros da Europa com o intuito de acentuar a miscigenação, enquanto que os africanos são impedidos de entrar no nosso país.

É preciso vencer as amarras de toda uma trama colonial que envolve a baixa auto-estima da mulher, a ideia de serviçal projetada nela através dos tempos e que se reforça nas instituições e nos ideais que perduram ao longo de todo um pensamento contemporâneo. Não só as investidas ao protótipo pronto para a secretaria e suas infinitas maneiras de prendê-la em um universo que não pertence ao seu grupo muitas vezes.

A partir das discussões apresentadas nesta primeira fase de nossa pesquisa buscamos aqui apenas problematizar as questões etnicorraciais existentes no perfil da secretaria executiva, apontando como esta secretaria é compelida inconscientemente a se enquadrar em um perfil já formatado (europeu), gerando um suposto apagamento de sua identidade a partir da aceitação de um estereótipo pré-determinado.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Joel Zito. Araújo, Joel Zito. **A NEGAÇÃO DO BRASIL: O negro na telenovela brasileira**, São Paulo: Senac, 2000.

BERTOCCO, Nérís; LOYOLA, Ângela S. **VOCÊ, SECRETÁRIA: um manual de atualização profissional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

BHABHA, Homi. A OUTRA QUESTÃO: O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: _____. **O LOCAL DA CULTURA**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FANON, Frantz. **PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS**. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. OS CORPOS DÓCEIS. In: **VIGIAR E PUNIR: nascimento das prisões**. 20ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

HOOKS, Bell. **ALISANDO NOSSOS CABELOS**. Brasil, Fala Preta, 2005.

PAIM, Altair dos Santos; PEREIRA, Marcos Emanuel. Aparência física, estereótipos e discriminação racial. **Ciências & Cognição**, Salvador, V.16, n.1, 2011. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/419>. Acessado em: 15 Jul. 2011.

PASCOLATO, Constanza. **O GUARDA ROUPA BÁSICO**. São Paulo: Comportamento e etiqueta, 1999. Disponível em:
<http://www.fenasec.com.br/c_artigo_comportamento_etiqueta_guarda_roupa_basico.html>